

Gabriel Bhering

Universidade Federal de Juiz

de Fora - UFJF

E-mail:

bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

r



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito exclusivo de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

O mapa das mediações algorítmicas: uma releitura de Barbero no contexto digital

*The map of algorithmic mediations:
a reinterpretation of Barbero in the
digital context*

*El mapa de mediaciones algorítmicas:
una reinterpretación de Barbero en el
contexto digital*

Bhering, G. O mapa das mediações algorítmicas: uma releitura de Barbero no contexto digital. *Revista Eco-Pós*, 28(1), 603–610. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28444>

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28444

RESUMO

Nesta resenha, a nova ecologia midiática é refletida a partir da adoção de uma perspectiva crítica dos estudos de plataformas e algoritmos, conforme se acompanha nas páginas do livro *Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais*, de Kérley Winques (2024). Após a exposição desse cenário, a pesquisadora apresenta os estudos culturais latino-americanos trazendo as versões do Mapa de Martín-Barbero para, em seguida, esboçar o seu próprio, que não deseja superar o anterior e nem ser um modelo cristalizado, mas um desenho vivo para lidar com o atual cenário digital.

PALAVRAS-CHAVE: *Plataformas; Algoritmos; Mapa das Mediações; Barbero.*

ABSTRACT

In this review, the new media ecology is reflected upon by adopting a critical perspective on platform and algorithm studies, as seen in the pages of the book *Algorithmic mediations: articulation between the symbolic and material dimensions of digital technologies* by Kérley Winques (2024). After presenting this scenario, the researcher presents Latin American cultural studies, presenting versions of Martín-Barbero's map, and then outlines her own, which does not seek to surpass the previous one or be a crystallized model, but rather a living design to deal with the current digital scenario.

KEYWORDS: *Platforms; Algorithms; Map of Mediations; Barbero.*

RESUMEN

En esta reseña se reflexiona sobre la nueva ecología de los medios a partir de la adopción de una perspectiva crítica de los estudios de plataformas y algoritmos, tal como se ve en las páginas del libro *Mediaciones algorítmicas: articulación entre las dimensiones simbólicas y materiales de las tecnologías digitales*, de Kérley Winques (2024). Luego de presentar este escenario, la investigadora presenta los estudios culturales latinoamericanos, trayendo versiones del mapa de Martín-Barbero y luego esbozando el suyo propio, que no busca superar al anterior ni ser un modelo cristalizado, sino un diseño vivo para lidiar con el escenario digital actual.

PALABRAS CLAVE: *Plataformas; Algoritmos; Mapa de Mediación; Barbero.*

Submetido em 10 de março de 2025.

Aceito em 30 de maio de 2025.

[...] Em vez de fazer a pesquisa partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*. (Martín-Barbero, 1997, p. 292, grifos do autor).

Algoritmos, plataformas, big techs, desinformação. Essas são algumas palavras que aparecem com frequência nos congressos, periódicos e cursos da área da Comunicação. No entanto, nem sempre são compreendidas com clareza. Afinal, um usuário, ao deslizar o dedo indicador pelo feed inacabável, muitas vezes não consegue visualizar as complexidades que envolvem essa atividade, aparentemente, banal. Diante desse cenário, a pesquisadora Kérley Winqes, durante seu percurso pelo doutorado no Programa de Pós-graduação em Jornalismo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), empreendeu esforços para desatar os nós que firmam a cegueira contemporânea a partir de uma revisitação ao pensamento de Martín-Barbero, que serviu de inspiração para a criação do Mapa das Mediações Algorítmicas. Em 2024, a professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal Juiz de Fora (UFJF) realizou algumas lapidações no modelo e publicou o livro *Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais*, pela editora Insular. A obra, que começa instigante pela capa, permanece assim durante todo o percurso que fornece ao leitor lucidez suficiente para que ele seja capaz não apenas de entender as mediações, mas também mediar e remodelar esses algoritmos repletos de intencionalidade em prol de uma cultura baseada na resistência.

Após uma abertura convidativa do pesquisador Rafael Grohmann, que esteve presente na banca de doutorado da autora, Winqes inicia a primeira parte da obra “Algoritmos e dinâmica institucional dos impérios tecnológicos” com a citação: “Agora a minha história é um denso algoritmo, que vende venda a vendedores reais, neurônios meus ganharam novo outro ritmo” (Anjos Tronchos, Caetano Veloso). Para começar a discussão, a pesquisadora informa que os algoritmos podem ser usados para resolver um problema comunicacional. “A declaração de um problema caracteriza o relacionamento de entrada/saída desejado. O algoritmo descreve um procedimento computacional específico para alcançar essa relação e oferecer a solução” (Winqes, 2024, p. 32).

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufjf.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28444

As plataformas que trabalham com esses algoritmos se consideram empresas de tecnologia. No entanto, elas são, na verdade, empresas de mídia (Napoli; Caplan; 2018), que afugentam em outra nomenclatura a fim de se afastar de qualquer responsabilidade acerca dos conteúdos que estão sendo veiculados nelas. Além disso, elas tratam os algoritmos como neutros, ou seja, na perspectiva delas, não há qualquer envolvimento de pessoas em seu processo de condução e manutenção. Todavia, ocorre “uma ação humana na elaboração dos códigos” (Winques, 2024, p. 37). Compreender os algoritmos é, então, o primeiro passo para desmascarar os impérios tecnológicos, que praticamente já não abrem espaços para a sua não utilização, pois se comportam de modo onisciente e onipresente. Por exemplo, o Google possui uma gama de produtos e serviços, que fazem parte de atividades básicas da vida de uma pessoa atualmente. Entre esses serviços é possível citar: Gmail, YouTube, Maps, Pesquisa, Android, Analytics, Docs, Waze e outros. “Além desses serviços gratuitos, a empresa também acumula valor por meio de plataformas que disseminam publicidade na internet, tais como AdSense e Adwords” (Winques, 2024, p. 48).

Sendo assim, o conceito de colonialismo para compreender esse cenário, segundo a autora: “não é uma metáfora. Se antes os colonizadores se apropriavam de recursos naturais e da força de trabalho humano, hoje é a vida individual e coletiva que está sendo apropriada, por meio da conversão de todas as formas de relações sociais em dados” (Winques, 2024, p. 57).

Ainda na primeira parte da obra, a pesquisadora adentra no fenômeno da desinformação que ganhou robustez nas plataformas digitais com as eleições estadunidenses de 2016, na qual Donald Trump se elegeu presidente pela primeira vez. Em 2018, no Brasil, o fenômeno pôde ser observado de perto com as eleições presidenciais. “A forte disseminação de informações falsas intensificou o ódio a grupos minoritários e levou à presidência o candidato de extrema-direita, Jair Bolsonaro” (Winques, 2024, p. 74).

Embora hoje a maioria dos usuários dessas plataformas já tenha ouvido falar das palavras “algoritmos”, a verdade é que “grande parte sabe muito pouco sobre como eles funcionam, agem e quais são seus posicionamentos editoriais. Essas regras nem estão explícitas nos Termos e Condições de Uso” (Winques, 2024, p. 88). Em outras palavras, “a vidraça, apesar de sensível e repleta de rachaduras, está coberta por inúmeras películas que não oferecem

transparência e não permitem ver além da superfície da tela” (Winques, 2024, p. 88). Por isso, esforços para desvendar as camadas desses espaços a partir das mediações existentes mostram-se urgentes para o campo da Comunicação, assim como para toda a sociedade.

Na segunda parte da obra “Estudos Culturais e transformações contemporâneas”, o leitor é situado nessa linha de pesquisa, que tem a sua origem na Escola de Birmingham, no Reino Unido, com pensadores como Raymond Williams e Stuart Hall. Para em seguida também ser apresentado aos estudos da América Latina, que abarca com destaque Martín-Barbero. Para autora: “A teoria passou a ser elaborada com foco nas culturas populares, abordando principalmente dois eixos de reflexão: os deslocamentos dos meios às mediações, abordagem desenvolvida por Jesus Martín-Barbero em 1987” (Winques, 2024, p. 101).

Desde o primeiro mapa criado no final da década de 1980, houve algumas atualizações pelo próprio Barbero, que trouxe em 2017 a última formulação observável abaixo.

Figura 1 - Quarto Mapa Metodológico das Mediações (2017)



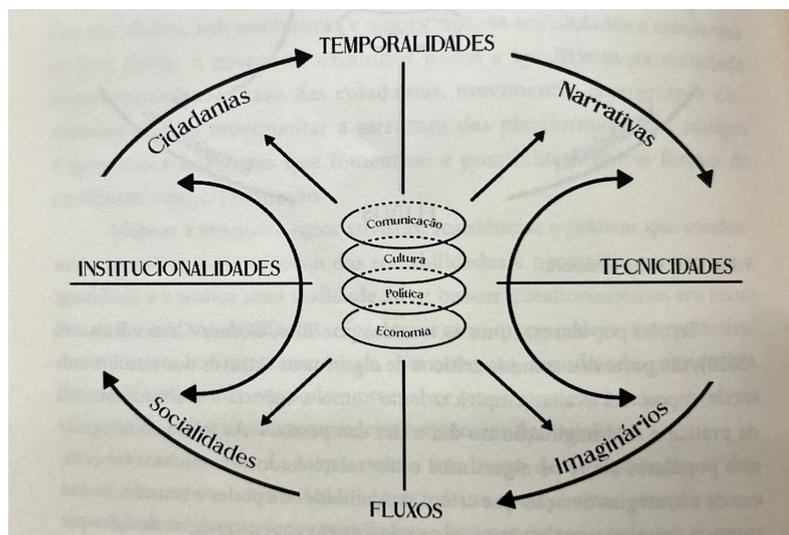
Fonte: Lopes (2018).

Em relação aos primeiros mapas concebidos pelo pensador latino, dois novos eixos aparecem nesse, no caso: tecnicidades e sensorialidades, além de três novas submediações: narrativas, redes e cidadanias. De certo modo, com essas novas inserções é possível a partir dele, em alguma medida, pensar o contexto digital. Por isso, a pesquisadora faz questão de deixar claro que o *Mapa das Mediações Algorítmicas* não busca substituir o mapa de Barbero, mas sim “complementar ou até mesmo atuar de maneira independente no sentido de tratar as mediações

algorítmicas como uma *mediação constituinte de sentidos* (Winques, 2024, p. 119, grifos da autora).

Posterior à apresentação do conceito de algoritmos, impérios tecnológicos, plataformas, desinformação e adentramento nos estudos culturais com Barbero, a pesquisadora apresenta o seu mapa, que passou por lapidações desde a apresentação da tese, conforme relata. A última versão pode ser lida abaixo.

Figura 2 - Ecosistema Completo do Mapa das Mediações Algorítmicas



Fonte: Winques (2024).

Esse mapa é uma estrutura teórico-metodológica que possibilita enxergar as particularidades dos artefatos tecnológicos, plataformizados e algorítmicos tanto quanto as especificidades dos processos de recepção, consumo, circulação, uso e apropriação que os envolvem. Em termos de organização e legibilidade, cada mediação básica e submediação foi separada para facilitar a compreensão dos debates. Embora o mapa esteja fragmentado para facilitar a leitura, é crucial destacar que as mediações podem ser analisadas em conjunto, com ênfase no todo ou em áreas específicas. Ao examiná-lo, a leitora ou o leitor deve ter em mente que se trata de um denso ecossistema (Winques, 2024, p. 147).

Após expor o modelo, a pesquisadora faz um percurso detalhado por cada eixo (horizontal e vertical) e pelas submediações existentes e, durante esse processo, aproveita para incluir em suas reflexões “epistemologias não hegemônicas — sobretudo latinas, feministas, afrofuturistas e de povos originários” (Winques, 2024, p. 148). Por fim, dedica um capítulo para apresentar “Como ler o mapa?” Em primeiro lugar, a autora faz questão de esclarecer que utilizar o mapa “não requer uma aplicação explícita de todas as categorias analíticas, pois elas podem trabalhar conjuntamente ou até mesmo isoladamente, sendo mais comum que elas trabalhem de modo articulado” (Winques, 2024, p. 207).

Voltando-se para o lado esquerdo do Mapa, é possível identificar três lentes frutíferas de interpretação, no caso: institucionalidades, sociabilidades e cidadanias, “que ajudam a explorar formas periféricas e emergentes de produzir sentido sobre os algoritmos e os dados dataficados” (Winques, 2024, p. 209). Destaca ainda a institucionalidade que tem gerado sociabilidades e cidadanias emergentes em torno de temas como decolonialidade e raça, por exemplo. Já direcionando o olhar para o lado direito do Mapa, outras três lentes podem ser observadas, tais como: narrativas, tecnicidades e imaginários, sendo elas potentes no processo de “criar espaços para formas distintas de ver, ouvir, ler, escrever e interpretar o mundo, interrogando as epistemologias emergentes, sobretudo advindas do Sul Global” (Winques, 2024, p. 210).

Embora seja possível interpretar o lado direito e o esquerdo separadamente, a autora destaca que há aproximações entre eles, pois não são opostos. Além de reforçar que o Mapa das Mediações Algorítmicas pretende ser um ponto de partida e não um modelo rígido. Em outras palavras, o “Mapa é vivo, é fluido. Os entendimentos e relações traçadas acima não devem ser cristalizadas” (Winques, 2024, p. 214).

O pesquisador Grohmann (2024), ainda no prefácio, destaca que a “articulação entre o ‘velho’ e o ‘novo’, entre o histórico e o contemporâneo é o que mais salta aos olhos nesta obra” (Grohmann, 2024, p. 13). De fato, esses pontos precisam ser valorizados e, por isso, são destacados também nesta resenha. Kérley Winques (2024), ao desvendar os nós que estão envoltos nessa nova ecologia midiática, não apenas os desata com muita clareza e lucidez, como também recorre às epistemologias da América Latina para firmar o seu pensamento, que resgata

os importantes estudos de Martín-Barbero para construir o seu próprio modelo. Este não deseja ser fixo, mas um passo inicial para entender as mediações algorítmicas e também se fazer mediador em prol de uma luta contra-hegemônica. Afinal, “é possível imaginar e reimaginar, construir, reconstruir e desconstruir diferentes mundos” (Winques, 2024, p. 210).

Referências

GROHMANN, Rafael. Prefácio. *Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais*. Kérley Winques. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *A teoria barberiana da comunicação*. MATRIZES, v. 12, n. 1, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

NAPOLI, Philip; CAPLAN, Robyn. Por que empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa. *Parágrafo*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 143-163, jan./abr. 2018.

VELOSO, Caetano. *Anjos Tronchos*. [CD/DVD]. São Paulo: Universal Music, 2021.

WINQUES, Kérley. *Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais*. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2024.

Gabriel Bhering - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Mestrando em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduado em Jornalismo, UFJF. Membro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA).

E-mail: bhering.gabriel@estudante.ufjf.br